

INTERFACE ENTRE A PSICANÁLISE E OS CUIDADOS DOS BEBÊS NO POVO INDÍGENA KHISÊDJÊ

Marcelo da Rocha Garcez¹

Andressa Fernandes Sott²

Milena Castro de Bittencourt Camilo³

Luciane Najjar Smeha⁴

As formas de cuidado com bebês são imprescindíveis para a compreensão da construção da subjetividade e do desenvolvimento psíquico em qualquer cultura. No entanto, as formas pelas quais esse cuidado se manifesta variam profundamente de acordo com os referenciais socioculturais de cada grupo. Entre os povos indígenas, essas práticas assumem contornos únicos, revelando saberes e estratégias que vão muito além das concepções ocidentais de cuidado infantil. Este artigo propõe uma reflexão sobre essas práticas a partir da vivência com o povo Khisêdjê, localizado no território Wawî, no leste do Xingu, no Estado do Mato Grosso.

O cuidado nos primeiríssimos tempos do desenvolvimento, do ponto de vista da psicanálise, é essencial para a constituição da subjetividade. As teorias clássicas, especialmente aquelas desenvolvidas por Donald Winnicott, destacam a importância da função materna como estruturante na formação psíquica da criança. Conceitos como *holding*, *handling* e *to show the world* descrevem o papel do cuidador em proporcionar um olhar atento, cuidado corporal e introdução progressiva do mundo externo.

1 Psicólogo. Mestrando no Programa de Pós Graduação em saúde Materno da Universidade Franciscana - UFN. E-mail: garcezpsicologo@gmail.com

2 Psicóloga. Mestranda no Programa de Pós Graduação em saúde Materno na Universidade Franciscana - UFN. E-mail: andressafsott@gmail.com

3 Enfermeira. Mestre em Saúde Materno Infantil pela Universidade Franciscana - UFN. E-mail: milena.bittencourt@ufn.edu.br

4 Psicóloga. Docente no Programa de Pós Graduação em Saúde Materno Infantil da Universidade Franciscana - UFN. E-mail: lucianenajar@yahoo.com.br

Além desses conceitos, estudos contemporâneos ampliaram a compreensão da função materna, incorporando noções como “dupla tradução” e “introdução da alteridade”, que descrevem o processo de mediação simbólica realizado pelo adulto em resposta às demandas do bebê. Embora amplamente reconhecida na literatura psicanalítica ocidental, a função materna necessita ser analisada sob diferentes prismas culturais para evitar reducionismos e leituras etnocêntricas.

Nesse sentido, a escolha por realizar um estudo junto ao povo Khisêdjê se baseia na necessidade de compreender como as práticas de cuidado infantis se articulam em contextos socioculturais diferenciados. Esse povo, pertencente ao tronco linguístico Jê, mantém modos próprios de organização social, relações coletivas e práticas educativas, que desafiam interpretações simplistas sobre a infância e o desenvolvimento humano. Com uma população de aproximadamente 500 pessoas distribuídas em uma aldeia maior, com aproximadamente 320 habitantes e outras aldeias menores, no território do Wawi, os Khisêdjês buscam preservar sua identidade cultural ao mesmo tempo que sofrem interferência dos costumes do homem branco.

A metodologia adotada neste estudo baseou-se no relato de experiência, modalidade qualitativa que valoriza o olhar do pesquisador imerso na realidade estudada. Assim, a partir da observação participante, durante o período de imersão dos pesquisadores na aldeia indígena, buscou-se a articulação da experiência com a teoria psicanalítica quanto às formas de cuidado dos bebês/crianças, na comunidade indígena Khisêdjê. O foco principal da observação foi o desenvolvimento psíquico em bebês de zero a 24 meses, mais especificamente, a relação mãe-bebê indígena, no território Wawi, na aldeia Khisêdjê, no leste Xingu.

Este trabalho faz parte de uma pesquisa que compõe um grande projeto vinculado à Universidade Franciscana (UFN) e ao programa Abdias Nascimento, que se destina à estruturação, ao fortalecimento e à internacionalização dos Programas de Pesquisa e de Pós-Graduação por meio da mobilidade docente e discente internacional (Brasil, 2014). O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética sob o parecer nº 7.069.992 e está em

conformidade com a Resolução nº 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2016). Dessa forma, os pesquisadores assumiram um compromisso ético com os participantes, considerando cuidadosamente os possíveis riscos e benefícios, tanto individuais quanto coletivos, buscando sempre maximizar os benefícios e minimizar quaisquer riscos (Brasil, 2016).

Este relato de experiência configura-se como uma forma de produção de conhecimento dentro da pesquisa qualitativa, fundamentada na reconstrução e elaboração ativadas por meio da memória. Nessa abordagem, o pesquisador se reconhece como parte do processo, sendo atravessado pelas experiências que moldaram seus percursos investigativos ao longo do tempo. Assim, mobiliza seu repertório associativo, tanto em diálogo direto com os acontecimentos quanto trazendo reflexões resultantes dessas vivências e suas conexões (Daltro; Farias, 2019).

Assim, o processo descritivo é uma forma de compartilhar vivências acadêmicas e/ou profissionais, tendo como foco principal a intervenção realizada. No ambiente acadêmico, seu propósito vai além da simples descrição, destacando a experiência a partir de uma análise crítica e reflexiva, fundamentada em referenciais teórico-metodológicos (Mussi, 2021). Registrar essas vivências possibilita à sociedade conhecer e compreender diferentes realidades, colaborando com o processo formativo (Córdula; Nascimento, 2018).

IMERSÃO DE CINCO DIAS NO TERRITÓRIO WAWI

O relato de experiência apresentado foi desenvolvido a partir de uma vivência com o povo Khisêjtê, realizada entre os dias 10 e 14 de março de 2025, no território Wawi, localizado na região do leste do Xingu, próximo ao município de Querência, no Estado do Mato Grosso (MT). As experiências vivenciadas, entre elas a observação, foram registradas em diário de campo e gravações de áudio para posterior análise. Foi dado destaque às interações entre bebês e suas mães (ou cuidadores primários), focando nas questões relacionadas à estruturação psíquica sob a perspectiva da psicanálise. As observações ocorreram em diferentes contextos -

individual e coletivo - abrangendo espaços como a Unidade Básica de Saúde (UBS), a escola, a associação que compõe o polo e a aldeia.

O povo Khisêjtê, pertencente ao tronco linguístico Jê, reside no Xingu e enfrenta desafios para preservar sua cultura diante das transformações provocadas pelo contato com a sociedade não indígena (Instituto Socioambiental, 2021). Todas as decisões coletivas são tomadas pelo conselho local, que autorizou a entrada da equipe de pesquisadores no território para a realização da vivência. A Reserva Wawi abriga cerca de 500 indígenas distribuídos em diversas aldeias, sendo escolhida para observação a aldeia mais populosa, com aproximadamente 320 moradores, por concentrar serviços como a UBS, a sede da associação e a escola.

A intervenção consistiu em observações participantes durante cinco dias de permanência na aldeia, em alojamento utilizado pela equipe de saúde. Foram acompanhadas atividades cotidianas e eventos do grupo, palestras escolares, rodas de conversa sobre câncer de colo do útero e apresentações da história do povo Khisêjtê. Além disso, ocorreram três reuniões com as lideranças locais para aprofundar o conhecimento sobre práticas culturais e formas de cuidado com bebês e crianças.

A FUNÇÃO MATERNA

A função materna é compreendida, de forma clássica, como um conjunto de conceitos: *handling*, *holding* e *to show the world*, sendo ampliada para contemplar a dupla tradução e introdução a alteridade. Trata-se de uma função simbólica, geralmente exercida pelo cuidador de referência, que estabelece, de forma inconsciente, a base das primeiras interações entre mãe e bebê. Quem desempenha essa função assume responsabilidades como oferecer sustentação, realizar cuidados básicos, interpretar sinais, apresentar o mundo e facilitar a inserção da criança na convivência com outras pessoas. A base teórica dessa concepção apoia-se nas contribuições de Winnicott e nas formulações freudianas (Coriat; Jerusalinsky, 2011-a).

O termo “mãe” é utilizado para designar qualquer pessoa adulta que exerça a função materna, o que pode incluir familiares e profissionais

que participem do cuidado da criança. O essencial para o bebê é contar com a presença de um outro capaz de interpretar seus sinais, proporcionando satisfação por meio dessa mediação interpretativa (Coriat; Jerusalinsky, 2011-a).

A mãe, nesse sentido, tem a responsabilidade de garantir condições emocionais adequadas para se relacionar com o bebê, aspecto fundamental para seu desenvolvimento saudável. Apenas o potencial genético não é suficiente para atender às necessidades do crescimento infantil (Winnicott, 2000).

A função materna envolve alguns conceitos essenciais, que serão detalhados a seguir:

Handling diz respeito ao toque e ao cuidado corporal realizado pelo cuidador, conferindo ao bebê um contorno simbólico de seu próprio corpo (Winnicott, 1975). A qualidade do contato influencia diretamente a integração corpo-mente, podendo transmitir sensação de segurança ou de instabilidade conforme a disponibilidade emocional do adulto (Mariotto, 2009).

Holding refere-se ao suporte emocional e físico, oferecendo segurança afetiva e previsibilidade ao bebê. Por meio de atenção constante e afeto, cria-se um ambiente estável que favorece o desenvolvimento (Winnicott, 1975). Esse cuidado contínuo adapta-se às demandas da criança, oferecendo uma referência confiável capaz de acolher suas necessidades (Mariotto, 2009).

Dupla tradução acontece quando o cuidador interpreta os gestos e sinais do bebê por meio da linguagem, atribuindo-lhes significado discursivo (Coriat; Jerusalinsky, 2011b). Essa tradução circula entre os registros simbólico, imaginário e real, transformando ações em palavras e vice-versa (Mariotto, 2009).

To Show the World corresponde ao processo de apresentar o mundo externo à criança (Coriat; Jerusalinsky, 2011-a). Com o tempo, o cuidado materno amplia-se para incluir a apresentação de objetos e elementos do ambiente, favorecendo a construção gradual das relações da criança com a realidade além do vínculo inicial com a mãe (Mariotto, 2009).

O conceito de introdução da alteridade consiste em inserir a criança no campo simbólico, apresentando limites e interdições, função normalmente desempenhada pela mãe (Coriat; Jerusalinsky, 2011b). Já a função paterna representa a entrada de um terceiro elemento na relação, promovendo o afastamento do bebê em relação ao cuidador principal e introduzindo-o na ordem social e nas dinâmicas de filiação. Esse processo é fundamental para estruturar os dispositivos simbólicos que sustentam a identidade sexuada e a subjetividade da criança (Mariotto, 2009).

RELATO DE EXPERIÊNCIA NO CONTEXTO KHISÊTJÊ

A partir de observações, relatos e diálogos com diferentes integrantes da aldeia, foi possível reunir algumas cenas que serão descritas a seguir. Após encontros com as lideranças locais, os pesquisadores foram convidados a conhecer a aldeia. No centro da aldeia encontram-se duas construções que os Khisêtjê chamam de Casa do Homem e Casa da Mulherada. Inicialmente, existia apenas a Casa do Homem, mas após a solicitação das mulheres, foi construída uma estrutura semelhante destinada a elas.

Os pesquisadores foram recebidos na Casa do Homem por membros do conselho, onde puderam observar a rotina da aldeia e ouvir sobre sua história, cultura e responder a algumas perguntas feitas pelos membros. Essas edificações possuem grande importância para compreender a cultura Khisêtjê, pois estão relacionadas a diversos rituais específicos. Tradicionalmente, os jovens do sexo masculino, ao atingirem a adolescência, passavam a viver na Casa do Homem, onde aprendiam com os mais velhos sobre a história do povo, a produção de artesanato, a confecção de bordunas, arcos e flechas, técnicas de caça e pesca, além de dança, canto e outras habilidades fundamentais para sua entrada na vida adulta. Os jovens que vivenciam esse período são considerados preparados para a vida adulta e para o casamento. Após o casamento, o homem passa a viver na casa dos sogros junto à família da esposa, sendo seu dever ajudar o sogro no trabalho.

Depois de uma longa conversa com os líderes locais, os pesquisadores seguiram para conhecer a Casa da Mulherada, um espaço onde

mulheres de diferentes idades se reúnem para conversar, produzir artesanato e cuidar das crianças. Na aldeia, o cuidado com os pequenos é, majoritariamente, responsabilidade das mulheres. Durante a visita, foi possível observar a atenção especial dada às crianças, que estão sempre inseridas na vida coletiva da aldeia. Na Casa da Mulherada, algumas mães carregavam seus bebês junto ao corpo em suportes chamados de tipoias (*sling*), instrumento amplamente utilizado para o transporte corporal, o conforto e a proximidade com os cuidadores. Outras mulheres usavam a tipoia vazia, que era ocupada pelo filho que já sabia andar, quando solicitava colo ou amamentação. Ao serem questionadas até que idade utilizam a tipoia, responderam que, em geral, até os dois anos.

Percebeu-se que os bebês permanecem com suas mães durante praticamente todas as atividades diárias. Mesmo após começarem a andar, quando querem colo, recorrem à tipoia. Quando estão carregados junto ao corpo, as mães conversam com os bebês, amamentam e os ninam para dormir, o aleitamento é realizado por livre demanda. A presença constante da Tipoia foi observada em diversas situações, como nas consultas da Unidade Básica de Saúde (UBS), na escola ou quando mães iam até o alojamento da equipe de saúde. Notou-se ainda que as crianças aprendem a andar cedo, muitas vezes antes de completar um ano de idade. Nesse período inicial, as crianças acompanham as mães nas tarefas e brincam por perto. O brincar desempenha papel constituinte no desenvolvimento e na constituição da subjetividade dos bebês, sendo vivenciado de forma livre e espontânea desde os primeiros meses. Nos primeiros tempos de vida, as brincadeiras são muito corporais, destacam-se os jogos de litoral, que favorecem a construção de bordas. As brincadeiras são predominantemente exploratórias com ensaios no campo simbólico, e o espaço da Casa da Mulherada oferece um ambiente controlado e seguro, com cuidado coletivo.

No contexto da aldeia indígena, observa-se que o cuidado com os bebês é exercido prioritariamente pelas mães, que desempenham papel central na provisão de afeto, proteção e alimentação. No entanto, os pais também têm participação ativa, demonstrando envolvimento cotidiano

nas tarefas de cuidado e na interação com as crianças. Esse cuidado não se limita à esfera nuclear da família, sendo compartilhado coletivamente por outras mulheres e demais membros da comunidade, configurando uma rede de apoio sólida e horizontal, característica marcante das formas tradicionais de organização social do povo.

Durante a permanência na Casa da Mulherada, houve um momento em que diversos moradores se dirigiram rapidamente até uma criança que estava distante. A equipe acompanhou o movimento e constatou que a criança havia se engasgado com uma espinha de peixe, sendo prontamente socorrida e ficando bem. A cena demonstrou que, mesmo estando com os pais, toda a comunidade se mobilizou em torno da criança, evidenciando o espírito coletivo de cuidado.

Outra situação marcante ocorreu durante uma roda de conversa sobre prevenção do câncer de colo do útero, onde estavam presentes muitas mulheres, alguns homens e várias crianças. Quando alguma criança apresentava comportamento considerado inadequado, como birras, os adultos reagiam com paciência, abaixando-se para conversar calmamente ou apenas observando até que o momento passasse. O povo Khisêtjê é reconhecido por sua paciência com as crianças. Essa postura não deve ser confundida com negligência ou indiferença, já que a comunidade Khisêtjê possui normas, ritos e códigos de conduta firmemente respeitados dentro de sua cultura.

Nas entrevistas com as lideranças, tanto os homens quanto as mulheres, é possível perceber que a cultura Khisêtjê valoriza o cuidado com a alimentação bem como o cuidado com as gestantes e com os bebês. Para eles a saúde está diretamente ligada a alimentação, e o cuidado com as mães e os bebês é importante para o crescimento do número de integrantes de sua etnia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da vivência na aldeia, foi possível compreender diferentes formas de cuidado em relação aos bebês. O estudo revelou que, entre os Khisêtjê, a função materna é desempenhada principalmente pela mãe,

mas também de maneira coletiva, integrada à vida comunitária e estendida ao grupo como um todo. A presença constante das crianças na tipoia, o compartilhamento do cuidado entre as mulheres e a rápida intervenção da comunidade em situações de risco - como no caso da criança engasgada - evidenciam um modelo de sustentação (*Holding*) e manejo (*Handling*) que alterna entre o individual e o coletivo, assegurando proteção e favorecendo o desenvolvimento psíquico.

Essas práticas confirmam as ideias propostas por Winnicott, ao demonstrar que a função materna, enquanto conceito virtual, pode ser exercida por diferentes pessoas, desde que haja estabilidade emocional e disponibilidade para atender às necessidades infantis. Além disso, a cultura Khisêjtê mostra uma maneira singular de introduzir a alteridade e estabelecer demandas, elementos essenciais para a formação subjetiva. A forma paciente com que os adultos lidam com as birras das crianças, assim como a inserção gradual delas nas atividades coletivas, reflete um processo de “apresentação do mundo” (*To Show the World*), realizado de forma coletiva e não restrita à figura materna.

A Casa da Mulherada e a Casa do Homem funcionam como espaços simbólicos que auxiliam na inserção dos bebês na vida em comunidade, regulando as normas culturais conforme indicam as teorias psicanalíticas sobre a função paterna. Também se observa a presença da “dupla tradução” - transformar ações em linguagem e linguagem em ações - no modo como os adultos interpretam e respondem aos gestos das crianças, atribuindo significados às experiências delas dentro de um contexto cultural próprio.

Por fim, o relato de experiência ressalta a importância de reconhecer as especificidades culturais ao se estudar o desenvolvimento psíquico, especialmente em povos indígenas, onde o cuidado é construído de forma mais coletiva.

As observações realizadas na aldeia Khisêjtê nos dão indícios de que os conceitos psicanalíticos são universalmente encontrados, mas sua expressão varia conforme povo e cultura. A função materna, longe de se restringir à mãe biológica, se apresenta como uma rede de apoio afetivo e simbólico, essencial para a constituição do sujeito ligado à sua cultura.

Assim, o estudo contribui para ampliar a visão sobre o desenvolvimento infantil e questiona perspectivas etnocêntricas, promovendo um diálogo mais respeitoso entre a Psicanálise e as práticas tradicionais de cuidado indígena. Fica evidente que, dentro da comunidade, o cuidado dos bebês é assumido de maneira mais coletiva, revelando um modelo de cuidado compartilhado e solidário.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Programa de Desenvolvimento Acadêmico Abdias Nascimento**. Brasília, DF: CAPES, 2014. Atualizado em: 04 abr. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/bolsas/bolsas-e-auxilios-internacionais/encontre-aqui/paises/multinacional/programa-de-desenvolvimento-academico-abdias-nascimento>. Acesso em: 26 jul. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais que envolvem seres humanos**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 44-46, 24 maio 2016. Disponível em: <https://www.in.gov.br/>. Acesso em: 10 ago. 2024.

CÓRDULA, Eduardo Beltrão de Lucena; NASCIMENTO, Glória Cristina Cornélio. A produção do conhecimento na construção do saber sociocultural e científico. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 18, p. 1-10, 2018. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/18/12/a-producao-do-conhecimento-na-construcao-do-saber-sociocultural-e-cientifico>. Acesso em: 18 mar. 2025.

CORIAT, Lídia; JERUSALINSKY, Alfredo. Definição de estimulação precoce. In: **Escritos da Criança nº 1**. 3. ed. Porto Alegre: Centro Lídia Coriat, 2011a.

CORIAT, Lídia; JERUSALINSKY, Alfredo. Função materna e estimulação precoce - Experiência controlada com 100 sujeitos de 3 a 16 meses de idade cronológica. In: **Escritos da Criança nº 1**. 3. ed. Porto Alegre: Centro Lídia Coriat, 2011b.

DALTRO, Mônica Ramos; FARIA, Anna Amélia de. Relato de experiência: uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 223-237, 2019. DOI: 10.12957/epp.2019.43015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/43015>. Acesso em: 18 jul. 2025.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **Povo: Kisêdjê**. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo%3AKis%C3%AAAdj%C3%AA>. Acesso em: 2 out. 2024.

MARIOTTO, Rosa Maria Marini. **Cuidar, educar e prevenir**: as funções da creche na subjetivação de bebês. São Paulo: Escuta, 2009.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educativa**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, out. 2021. DOI: <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i48.9010>.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Transformando Nosso Mundo**: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. Nova York: ONU, 2015. Disponível em: <https://sustainabledevelopment.un.org/post2015/transformingourworld>. Acesso em: 10 out. 2024.

WINNICOTT, Donald W. **O brincar e a realidade**. Tradução de José Otavio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, Donald W. **Da pediatria à psicanálise**: obras escolhidas. Rio de Janeiro: Imago, 2000.